

# A Pastoral Familiar precisa de conversão?

*Pe. Sebastião Sant'Ana \**

A 51ª Assembleia Geral da CNBB (Aparecida, 10–19/04/2013) aprovou, para estudo, o texto **Comunidade de Comunidades: uma nova Paróquia** (Coleção *Estudos*, 104). Nele aparece claramente que a renovação paroquial – pedida pelas Conferências de Santo Domingo e Aparecida – deve ter como primeira referência a vida e a prática de Jesus.

Esse princípio aplica-se à renovação de todas as pastorais atuantes nas paróquias; mas vale de modo especial para nossa Pastoral Familiar. Ela precisa de permanente transformação e atualização de suas estruturas e da constante conversão de seus agentes. Por isso, nossos olhares devem estar fixos em Jesus: nele encontramos o modelo e o espelho. Sua vida e sua prática, atualizadas para o complexo mundo em que vivemos, são critério permanente para o nosso agir.

## **O Bom Pastor troca noventa e nove por uma**

As parábolas da misericórdia – sobretudo as do capítulo 15 de Lucas (ovelha perdida, moeda perdida e filho perdido, mas todos reencontrados) – são uma das principais referências evangélicas para o trabalho da Pastoral Familiar. O Bom Pastor deixa as noventa e nove e vai em busca da ovelha perdida (“a ovelha negra?”). Na lógica de Jesus – na contramão da lógica do mercado – “haverá mais alegria no céu por um só pecador que se converte do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão.” (Lc 15,7.)

A parábola questiona nossa tentação de privilegiar as famílias que estão bem, em detrimento das que mais precisam. A Pastoral Familiar precisa abrir os olhos para os graves problemas sociais que atingem a maioria das famílias: desemprego, exclusão, migrações e crescimento desordenado, desestruturação familiar, crianças e adolescentes abandonados, jovens desorientados, drogas, prostituição, violência, corrupção, degradação da natureza e tantos outros...

Em Jo 10, 1-17, Jesus coloca a VIDA como o objetivo primeiro da missão sua e dos seus discípulos: “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância. Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida por suas ovelhas”. (Jo 10, 10b-11.)

## **Parábola chave de leitura da antropologia cristã**

Outra parábola paradigmática para nosso serviço às famílias é a do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37). Pela grandeza de seu ensinamento, pode ser considerada a chave de leitura não só da experiência de Jesus Cristo, mas também da teologia e da antropologia cristãs.

À luz do Bom Samaritano entende-se a dimensão sublime da misericórdia. Ajuda não só a compreender melhor quem é Deus, mas também a humanidade querida por Deus e como devem ser os discípulos missionários de Jesus Cristo.

O homem que descia de Jerusalém para Jericó caiu nas mãos dos assaltantes. Eles o deixaram nu, sem nenhuma identidade, coberto de feridas. Estava semimorto, isto é, nele ainda havia vida, restava-lhe a esperança, mas uma esperança que dependia da solidariedade... Era um homem que descia de Jerusalém, onde fizera a experiência de Deus no Templo; a experiência de Deus não nos coloca na história imunes da maldade... O indivíduo caído à beira da estrada vai se transformar numa alteridade interpelante...

## **Que atitudes assumimos diante dos desafios?**

Na parábola do Samaritano, há três pessoas escolhidas a dedo. Dentro da visão judaica, duas pessoas são terrivelmente “próximas” de Deus, e uma terrivelmente “afastada” de Deus. É bom lembrar que Jesus falava para um mestre da Lei.

O sacerdote era uma pessoa chamada à profunda experiência de Deus. O levita também estava próximo, tinha por missão cuidar das coisas de Deus e do Templo. Por outro lado, os samaritanos eram odiados pelos judeus, considerados social, moral e religiosamente perdidos. Na parábola, Jesus trabalha as atitudes dos três perante o homem caído à beira do caminho.

O sacerdote e o levita, saindo da “experiência de Deus” em Jerusalém, assumem a atitude de indiferença. Passam pelo outro lado.... Ao sair da “experiência de Deus” e entrar na história, não fazem a experiência do irmão. Sua experiência religiosa não tem consistência. Limita-se ao templo, aos momentos de oração, mas não se encarna na realidade.

A atitude do samaritano, porém, é de uma solidariedade radical. Estava em sua viagem, vivendo sua vida, mas quando viu o homem caído, moveu-se de compaixão. Não para por aí... Toma a atitude: faz com o caído aquilo que se faz com a pessoa mais querida.

O samaritano, que não faz a experiência de Deus em Jerusalém, mas a faz na história, sugere pensar uma Pastoral Familiar revestida não apenas da “túnica religiosa” – reuniões, encontros e celebrações bonitas – mas de atitudes concretas em favor de tantas famílias hoje necessitadas de nossos gestos solidários.

### **Vai e faz o que o samaritano fez**

O mestre da Lei havia perguntado a Jesus o que deveria fazer para possuir a vida eterna. A salvação acontece na solidariedade misericordiosa. Salva-se quem é humano. Quem mais humano for, mais próximo da salvação estará. A salvação acontece como plenitude do humano.

A salvação dos agentes da Pastoral Familiar é também “fazer o que o samaritano fez”. É ser sinal da misericórdia e compaixão de Deus para com as famílias caídas à beira das estradas da vida. Nosso privilégio de ter uma família bem constituída e nossa graça de sermos agentes da Pastoral Familiar devem se converter na solidariedade, na misericórdia e na dinâmica do serviço aos irmãos. Só é autêntica nossa paixão por Cristo se ela for também paixão pelas famílias que sofrem.